

" OS EUA e os pers-
pectivas socio-culturais
da Democracia na
Europa "

Almoço a convite do
Fundação Cuidar o Futuro
ASSOCIATION CLUB DE LIS-



★ 29 de Maio '88

Os EUA ~~em~~ e as perspectivas socio-cultu- 1
rais da democracia na Europa

(OS EUA e a democracia
em Portugal)
Introdução

Arquivo do American
Club de Lisboa
22/5/85

Há dias um semanário per-
guntava a vários intelectuais portu-
gueses o q̄ pensavam da influência
americana em Portugal, ... E, sem
dar por isso, dei comigo também a
pensar nessa influência, ~~mas~~ aces-
centando-lhe ^{embora} o outro termo: * qual
é o significado da realidade portuguesa
p.º os EUA ... ~~Quase~~ Espontaneamente recor-
dei algumas linhas de um poema
de Richard Davidson:

"There are cities between us.
There are countries that separate
There are Gods who dang ^{our} hopes.
Outmoded to both territories
Will I know your earth?
Will you know mine?

Will I know your earth?
Will you know mine?
Can we walk free of both our cages?
Can our road be one road?"



São alguns marcos desse cami-
nho que vou tentar apontar. Na
perspectiva do conhecimento mútuo,
do encontro, da reciprocidade das
relações.

"Pode o nosso caminho ser um
caminho?" Quais as condições
dessa caminhada ~~?~~ conjunta?

Fundação Cuidar o Futuro



I - Vencer a crise: uma tarefa 3 comum

Já é hoje um facto claro q̄ a crise mundial é uma crise estrutural profunda, que se estende desde a todos os sectores da vida social e política, desde a "desordem monetária institucionalizada", como costuma dizer^{ex. change.} Helmut Schmidt, até à dependência acrescida q̄, no plano económico ou cultural, caracteriza muitos países cuja ~~defe~~ independência política-administrativa ainda não tem mais de 20 ou 30 anos.



Perante essa crise, não pequenos ou grandes países. As responsabilidades, à escala de cada país, são enormes e as tarefas ^{de uns e de outros} encontram-se intimamente interligadas. Por isso me atrevo a sublinhar alguns ~~aspectos~~ ^{valores} q̄ na convivência entre Portugal e os EUA, podem guiar os nossos dois países.

1. Auto-confiança (Self-esteem) 4

Recordo-me q̄ nas primeiras actividades q̄ ~~universitárias~~ em q̄ colaborei nos EUA, por mais objectivo que fosse o tema em debate acabava sempre alguém por ~~lançar~~ lançar a questão: "but who am I?"
E confesso q̄ a minha mentalidade técnica se impaciencia com esse constante exercício de "soul-searching".

Mais tarde, compreendi. A pergunta não nasce só das longas ^{ou da análise transaccional} ~~observações~~ observações de dinâmica de grupo, ou da influência de Carl Rogers ou de Eric Ericson, ou de ~~formações~~ ~~mais banais~~



Ela correspondia à necessidade vital, ou uma coiedade q̄ se está fazendo, de encontrar um lugar, ^{ep} de ganhar auto-confiança, para poder lutar e ser estimado.

Essa auto-confiança ^{traduz} ~~traz~~ a nível ^{da} ~~da~~ personalidade o aproveitamento máximo de todos os recursos humanos, ~~em~~ a noção de q̄ é necessário vivido por todos e cada um,

optimizar todos os talentos e capacidades. 5
idades.

Essa procura de identidade conduzida à mobiliade geográfica e profissional, introduz um factor de c.º renovado e dinamismo nas instituições (Universidades, empresas, Igrejas), provocando uma ^{possibilidade} ~~capacidade~~ sempre renovada ^{aberta} ~~tira~~ de mudança e de re-orientação.

~~Até agora~~ Poderemos dizer o mesmo de P. ? Retomando a sua dimensão geográfica europeia q, durante mais de 4 séculos, se alargara por todos os continentes, P. está à procura da sua identidade.

Percorre o corpo vivo do meu país uma aura inquietação. E dessa inquietação dá conta a super-estrutura política cujos sobressaltos ~~caos, e meu ver, menos os erros dos homens, do q~~ em grande parte, a incapacidade de fazermos circular



livremente entre si, numa estimula 6
lante permuta, os grupos profissionais,
os escritores, os artistas, os interesses
económicos organizados.

Saber quem como, hoje, em P.,
é tão importante como o é p.º o ame-
ricano imigrado de 2.º ou 3.º geração.
E essa procura é a p.º condição da
utilidade social e económica. É a
raiz da independência nacional.

Fundação Cuidar o Futuro

A procura dessa identidade
entra directamente no pleno
funcionamento das instituições
democráticas, e é sua condição
fundamental.



2. Convivência e solidariedade 7

Quando, ^{em diferentes grupos, no mesmo país,} ~~esse~~ ~~é~~, tenta expor o que é a democracia participativa ~~é~~ ~~é~~, é um reparativo ~~aport~~ da Constituição da Rep. Port. como valor fundamental, dou frequentemente como exemplo a estrutura social e política dos EUA.

Só quem vive um tempo em ~~o~~ Estado do interior dos EUA se apercebe do que significa, ~~num país em~~ ~~o~~ ~~os~~ ~~transportes~~ ~~públicos~~ ~~que~~ ~~quase~~ ~~exclusiva~~ a organização democrática de uma comunidade. Participei, uma vez, a título de consultora, num seminário em Toledo (Ohio) constituído por um grupo de cidadãos que se organizaram para melhorar a assistência médica às ^{quase} ~~as~~ ~~personas~~ ~~indiferentes~~ ("welfare recipients"). Tudo foi mobilizado e em três meses os problemas ficaram resolvidos - com apelo ao Estado, ^{algumas} ~~as~~ ~~recomendações~~ ~~por~~ ~~as~~ ~~autoridades~~ ~~municipais~~ ~~suplementares~~.

Tal participação exprime a 8
capacidade de cooperação e de convi-
vência. ~~É, mais~~ Que, de igual modo,
se encontram ao nível de gr grupo
organizado: empresa ou comuni-
dade religiosa.

Neste contexto
Uma forte raiz A democracia
encontra aí uma forte raiz;
pode exprimir-se o mais radical
desacordo mas permanece a lei
de ouro da democracia: o outro,
de idéias opostas, tenha a total
liberdade de as expor.

Se há, ~~no mundo~~ ^{em Portugal}, quem
apenas vê nos EUA a grande po-
tência de q espera favores políticos,
também há quem nela vê essa
democracia viva q tudo faz p^o
não discriminar, não margina-
lizar, e permitir, assim, a
liberdade de expressão e os
direitos cívicos de todos s/ex-
cepção.

Pertença à mesma geração q tudo faz



nos EUA pelo estabelecimento dos 9
direitos cívicos, pelo direito à par-
teira de todos os cidadãos, pela
integração de todos os q̄ a sociedade
inexoravelmente marginaliza.
Tenho nessa geração alguns dos
meus melhores amigos e deles
me orgulho em ⁹⁹ parte do
mundo.

^{nos últimos anos} E em Portugal?
Portugal polarizou-se à volta
do universo político-partidário e,
^{na febre sectária das ideologias} deixou na sombra valores funda-
mentais da democracia. ~~A grande~~
~~riqueza~~ ~~experiência de prática~~
~~democrática americana é o de~~
~~permitir e o de assegurar q̄ quem~~
~~pensa difere de forma diferente~~
~~se exprima e se faça entender.~~

✓ Mas, ao mesmo tempo, Port fez
algo de extraordinário nos tempos
modernos: integrou total, sem
99 problemas, ^{breve} espaço de 4 anos,
um décimo da sua população
vindo de África.



9A

A democracia participativa existe no espaço social e cultural português, no tecido social do país, mas carece de expressão adequada ao nível das instituições do poder político.

Por isso, a informação e as grandes decisões e negociações do país é mantida no grupo restrito dos que detêm o poder. ~~e um dia acordamos, como dizia há dias o director da Secla, ^{despetidos por} um martelo na cabeça.~~

Dai a indeterminação que pesa na vida económica e que impede, em grande parte, os portugueses de se lançarem em novas iniciativas capazes de contribuir para o PIB, de dar trabalho aos jovens, de dinamizar a vida social.

Como ultrapassar esta situação de estagnação na vida económica e social?



3. Gosto do risco

10

Falar de mobilidade, de liberdade de expressão, é, no quadro americano, acentuar o gosto do risco, a capacidade de iniciativa, a força da perseverança.

Quantas vezes ouvi, na boca de americanos, perante uma hesitação ou um receio de q̄ a tarefa fosse quase impossível, a frase corrente: "Difficult things are possible; impossible things are a little ~~bit~~ longer."



Fundação Cuidar o Futuro

Penso q̄ essa enorme força do risco tem q̄ ver c/ o espaço: muitas iniciativas nascem livre/afui e ali, ^{como} outros tantos movimentos brownianos aparentes são conduzidos, mas expressão e causa de uma energia nova.

O risco não é utopia nem aventura. É oportunidade calculada, programada, baseada na investigação científica e no controle técnico.

Em cada iniciativa, há p.^o 11
os americanos, uma "nova fron-
teira". Um gde presidente conbe-
dar à América das últimas de-
cadas o fôlego de buscar
"new frontiers".



E aí algo de comum
penso com P. Tb. nós fomos, ao
longo de m.^{os} séculos, buscando
fronteiras, p.^o além daquelas q̄
aqui estabelecêramos. No nosso
universo mítico, "o caminho p.^o a
Índia" é uma constante. Só os
q̄ envelheceram e perderam a
esperança de contentam e o q̄ os
outros lhes trazem até à porta.

A grande maioria de populaç.
portuguesa vive buscando "esse
porto ~~em~~ sempre por acher".

A grande clivagem entre
os portugueses está hoje entre
aqueles q̄ se acomodam, se
contentam e o modo como
as coisas são e aqueles q̄
procuram imaginativamente

novas colunas e novas pistas. 12

~~Aquelas~~ Os primeiros, deixando
a iniciativa de parte, julgaram-se
realistas e consideraram os ~~outros~~ ^{segundos}
de idealistas ou utópicos. ~~Se o~~
Man estivesse o Qão, não-no à maneira como
o era Bob Kennedy' ^{quando citava} ~~na frase~~
~~de~~ Bernard Shaw: ~~é~~ ~~tantas~~
~~vezes~~ gostava de citar:

"Many see things as they
are and ~~say~~ say "why?" ~~not~~"
I dream things that never
were and say "why not?"



II. Contradições da política
interna e externa dos EUA
nas suas relações ex P.
repercussões em P.



Não bastam, ^{porém,} estes valores comuns. É ^{necessário que, para} ~~além do seu povo,~~ ^{e dos seus técnicos e pensadores,} ~~tr.~~ os dirigentes políticos reconheçam algumas das contradições da política interna e externa dos EUA e as suas repercussões em países como Portugal.

O meu país tem uma posição clara na sua participação na NATO e honra os compromissos assumidos. Mas justamente porque é um pequeno país e conhece os problemas dramáticos da sobrevivência do Sul, protesta não pode deixar de erguer a sua voz contra a escalada desordenada do terror e o imenso dispêndio ^{em} ~~de~~ armamento, q. ^{de} seres humanos morrem ^{aos} ~~por~~ milhões, à míngua de

excedentes dos mais ricos.

As alianças de q̄ como parte
não podem ser p.º nos e'raus misti-
ficadores da tradição cristã de mitos
séculos e da responsabilidade na
preservação dos gdes valores da huma-
nidade. Sabemos q̄ nesse primado dos
valores morais ^{estamos} em uníssono ^{o por aque-} ^{riquo.}

~~De resto,~~ tres aspectos do comporta-
mento dos dirigentes políticos
do EUA ~~em~~ são directa/p.º
motivo de preocupação:



— em p.º lugar, a total des-soli-
darização do EUA em relação
à defesa dos direitos do povo de TL;
^{manifestação da} no conhecimento da impossibilidade
material de P. de defender a inte-
gridade desse território ^{e na sua indiferença} sob sua
administração e a continuação de
apoio às forças q̄ ilva diram TL
e ~~o~~ chr. o direito il t/ual ~~o~~
o ocuparam e ocupam;

— em 2.º lugar, a posição em
relação à RPA e à Moçambique
pelo apoio dado ao governo de
Províria no seu ~~caso~~-cumfri-
mento do acordo de Namíbia e
na ~~o~~ seu comportamento da
guerrilha armada e Mbr.

— em 3.º lugar, a reação exage- 15
rada face aos movimentos sociais e
políticos da América Latina, levando,
a situações q̄ tocam já a violação
do direito ^{em alguns} ^{países Am. Central,} ~~social~~ ^{em alguns}
int/ual.

~~Os~~ Sabemos q̄, ~~algos~~ ^{em alguns} ^{países Am. Central,} muitos destes
problemas, e não todos, são resul-
tado da cada vez + acentuada
divisão do mundo em zonas
de influência. E q̄ os EUA na
escala da militar ^{partilham}
a responsabilidade c/ a URSS.

Fundação Cuidar o Futuro
Por isso, gostaria de exprimir a
m/ opinião pessoal c/ as palavras
q̄ o Com. de Intertacy dirigiu às 2
super-potências:

- - - - -

Mundo de Paz



Nos EUA, o autor de "The fallacy ¹⁶
of class wars", diz, no já longo debate
sobre a SDI; ~~o custo de multi bilhões de dólares:~~

① ⁸⁵ "The strategic arguments for the SDI
rest on two fundamentally flawed
premises - an unfounded technological
optimism about the effectiveness of
space-based missile defenses and a
striking lack of realism about Soviet
reactions to the program."

~~"Washington must"~~

~~"By agreeing to a ban on the further
testing + deployment"~~

Fundação Cuidar o Futuro

Estou inteira/ de acordo c/ as
precauções do MNE português g^{to}
aos esclarecimentos necessários
f^o q P. possa participar ou não
na SDI.



• O segundo vector da politica 17
interna e externa do EUA diz respeito
~~à politica económica mundial~~
é a relação entre o deficit interno
do EUA e a dívida externa dos países
sub-desenvolvidos. O ciclo é contínuo
e infernal: p.º colmatar o deficit das
contas públicas, a taxa de juro do
dólar sobe, as dívidas dos países
pobres aumentam artificialmente
e nos ~~EEAA~~ ^{Callaghan} de 1980 por isso
muito raras o desemprego ^{aumentou}
~~mais~~ 3 milhões de pessoas
~~de~~ ^{ex} PM Callaghan chamou a
bomba relógio da dívida.

Esta afirmação foi incorporada
na declaração do ~~AI~~ de ex-deputado
de Governo q foi transcrita à
cimeira de Bonn:

I - PAZ E SEGURANÇA

3. Acolhendo com satisfação o começo das conversações entre os EUA e a URSS, o Conselho exprime a esperança de que tais conversações resultem em acordos concretos. Tem que haver um começo que possa ultrapassar a crise no processo do controlo de armamentos. Uma reunião prévia entre os dirigentes dos EUA e da URSS é assim de importância vital.

4. A corrida aos armamentos é uma consequência das diferenças e percepções profundas que dividem as superpotências e por isso as raízes de tais problemas só podem ser atacadas ao nível estritamente político. Afirmamos que a posse de armas nucleares e o crescimento de armas nucleares e convencionais constituem hoje para a existência humana o maior perigo. O Conselho urge com toda a força os EUA e a URSS a identificarem áreas de comum interesse que possam existir no domínio do armamento e sobre os quais acordos futuros se possam basear. Por exemplo ambos os lados deveriam em conjunto afirmar que estão de acordo nos seguintes pontos:

- uma guerra nuclear nunca poderá ser ganha e por isso mesmo nunca deverá ser declarada;
- o equilíbrio de armamento deveria ser procurado aos níveis mais baixos de armamento;
- menos dinheiro deveria ser gasto em armamentos;
- armas de estabilização deveriam ser preferidas às armas de destabilização;
- que ambos os países procurem uma igualdade mais do que superioridade de força militar e
- que ambos os países respeitem os interesses de segurança legítimos da outra parte.



* 5. De modo a que as negociações de Genebra possam gerar uma maior confiança nós recomendamos que os maiores poderes nucleares se comprometam a uma trégua total de ensaios nucleares durante o período das conversações, (*) que adiram estritamente ao Tratado de Mísseis Anti-balísticos de 1972 e que cessem qualquer corrida de armamentos no espaço. Além disso o Conselho urge da maneira mais incisiva as superpotências a darem prioridade máxima ao processo de Genebra de modo que os resultados construtivos de que o mundo está à espera se possam ver rapidamente.

* 6. Para avaliar o potencial futuro para o controle de armas e negociações de desarmamento o Conselho tinha presente um relatório global de Jacques Chaban-Delmas, baseado nas conclusões de uma reunião de peritos internacionais. O Conselho reclama reduções profundas e verificáveis nas armas ofensivas de todos os tipos incluindo armas nucleares, convencionais e químicas, com o objectivo da segurança equilibrada ao nível mais baixo possível de armamento.

7. O Conselho também discutiu os aspectos da expiração do Tratado de Não Proliferação. Notou que os Estados que não são estados nucleares e que ratificaram este tratado observaram-no até agora, enquanto estados nucleares que ratificaram este tratado não cumpriram as suas obrigações. Por outro lado outros Estados nem ratificaram o tratado nem observaram as cláusulas do mesmo. O Conselho urge todos os países que são parte deste Tratado a conseguirem o seu prolongamento e a sua melhoria durante a conferência de revisão do Tratado que terá lugar em breve e urge os estados não signatários a realizarem acções no espírito deste Tratado.

8. De modo a evitar conflitos armados, o Conselho urge todos os Estados e particularmente as super-potências, a honrarem completamente os seus compromissos assumidos no contexto da carta das Nações Unidas e especialmente a absterem-se do uso da força.

(*) J. Chaban-Delmas exprimiu o ponto de vista de que o Conselho deveria apenas recomendar uma tal trégua de ensaios aos EUA e URSS.



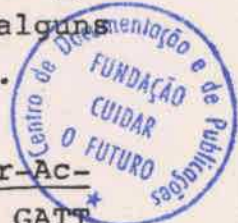
- b) persistentes défices orçamentais de natureza estrutural nos países industrializados especialmente nos EUA, que conduziram a altas taxas de juro com efeitos mundiais;
- c) enorme desequilíbrio comercial;
- d) excessivas flutuações nas taxas de câmbio particularmente no que diz respeito ao dólar US;
- e) aceleração das pressões proteccionistas e crescimento das barreiras ao comércio livre (ex.: através de subsídios governamentais, de mercados fechados) à maioria dos países;
- f) crescente pressão económica sobre os países em desenvolvimento por causa da sua dívida e por causa das altas taxas de juro que têm imposto um serviço de dívida intolerável;
- g) um decréscimo no crescimento da economia dos EUA juntamente com um contínuo desequilíbrio comercial tem exacerbado todos estes problemas.

19. Taxas de juros mais altas, maior proteccionismo, e mais baixo crescimento poderão todos actuar como gatilho no disparo da bomba de relógio da dívida. A habilidade dos governos em resistirem às pressões proteccionistas é maior em períodos de crescimento económico que serve então de amortecedor.

20. Uma redução significativa do défice americano, conjuntamente com políticas dirigidas às preocupações centrais dos outros países, tais como o desemprego, deveriam estimular a actividade económica em muitos países através de mais baixas taxas de juro conduzindo a um crescimento sustentado. Um défice reduzido poderia além disso fornecer outras oportunidades para alguns países de modo a prosseguirem políticas mais estimulantes.

como sair deste impasse?

21. Como consequência do que acima se diz, o Conselho de Inter-Ação urge firmemente os governos a apoiarem um novo round do GATT



2 e a reconhecerem que qualquer novo round de negociações comerciais (incluindo comércio de invisíveis) será um fracasso se persistirem a excessiva volatilidade e desequilíbrios nas taxas de câmbio. Em virtude da magnitude dos agregados monetários internacionais nos mercados financeiros estimados em cerca de 60 triliões de dólares o valor monetário do comércio mundial anual na ordem dos 2 triliões de dólares é relativamente pequeno. Dado que as negociações comerciais afectam unicamente uma fracção do comércio do mundo e não são extensivos aos movimentos de capital, tais negociações só por si não resolvem os problemas da economia mundial. O conselho está convencido de que um novo round comercial não pode ter sucesso sem uma acção concomitante na frente monetária.

Uma variedade de medidas tomando contas correntes equilibradas como imperativo deveriam urgentemente ser tomadas de modo a conseguir-se uma maior estabilidade nos planos financeiros e nos valores monetários. O actual desequilíbrio maciço e os problemas estruturais exigem que sejam tomadas medidas urgentes para melhorar a política de coordenação entre os maiores poderes económicos especialmente dentro da Europa e entre a Europa, a América do Norte e o Japão.

22. O Conselho reconhece que para realizar um rápido progresso, as duas questões, comércio e questão monetária, têm de ser tratadas separadamente mas face aos pontos sublinhados acima a relação entre as soluções monetárias internacionais e o comércio tem que ser explicitamente tratada.

23. O problema da dívida permanece uma ameaça perigosa para a estabilidade da economia mundial a despeito de uma certa complacência generalizada. O volume da dívida total dos países em desenvolvimento tem crescido ainda mais apesar de se terem completado os programas de reescalonamento na América Latina. A dívida dos países em desenvolvimento por si só constitui cerca de 950 biliões de dólares até ao fim do ano de 1985, requerendo um serviço anual da dívida em pagamentos em excesso de cerca de 100 biliões de dólares. A acumulação da dívida internacional e os

perigos daí resultantes para a liquidez internacional são ainda constituídos por dívidas incorridas pelos países industrializados e pelas cooperações privadas. Em 1984 os participantes na cimeira de Londres dos 7 países industrializados reconheceram a necessidade de tomar medidas nesta área. Este reconhecimento da gravidade do problema tem de ser seguido por uma urgente e efectiva acção.

3

Soluções ad hoc tem até hoje apenas adiado o problema. Uma solução estável com rescalonamento plurianual é hoje requerida mais do que nunca para resolver o problema da dívida, solução essa que deve ser fundada na responsabilidade partilhada dos governos dos países que pedem emprestado, dos países que empréstan, do Fundo Monetário Internacional (FMI) e dos bancos credores, no interesse comum de todas estas partes. Enquanto a escalada da dívida continua a crescer a capacidade dos países em desenvolvimento de fazer face às suas obrigações diminui. Estes esforços para poderem fazer face às obrigações decorrentes de serviço da dívida impedem o seu desenvolvimento económico e social.

Fundação Cuidar o Futuro

24. Além de tudo isto, o Conselho sublinha a sua preocupação pelo enfraquecimento dos sistemas multilaterais das Nações Unidas, especialmente da UNESCO e da UNCTAD.

III - COOPERAÇÃO INTERNACIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO



25. Os problemas dos países menos desenvolvidos são extremamente graves. O Conselho promoverá acções segundo as linhas que lhe foram propostas por Ola Ullsten, na base das recomendações de um grupo de peritos internacionais. Defenderá entre outras as seguintes medidas:

- aumento dos "fluxos" de ajuda aos países menos avançados -
- incluindo ajuda para transferências de tecnologia e para o treino de especialistas - até aos níveis já acordados, cerca de 0,15% do GNP dos países desenvolvidos;

É certo q a responsabilidade 18
não cabe apenas aos países ricos
e, particular, aos EUA.

Se os países devedores têm
uma má gestão e se não está
belezem prioridades económicas
claras, e se apenas usam
mecanismos de controle monetário
e financeiro, não têm condições
seguras para negociar empré-
stimos. ~~e ao~~

Fundação Cuidar o Futuro
Em P. o Plano, ^{elaborado} ~~feito~~ de
forma participada, pelos repre-
sentantes das pop., através do
poder local, pelos repres. dos
trab. e pelos repres. dos setores
económicos — condições para
belo M. Contribuir — poder-se-á
garantir novas condições econó-
micas e um futuro melhor.



Consciente das graves conse^{18A}
quências desta situação, f.ª a sua
situação económica, sobre o desemprego e/
a dívida de 16.300.000.000 dólares,
~~mas~~ e igualmente consciente de q
esta situação é partilhada ^{a nível da}
por m.ªs outros países, P. tem
necessária/de encontrar os meios
f.ª negociar a sua dívida externa.

Ao mesmo tempo, pensa q, ~~tal~~
~~pressão~~ q foi exercida s/ as auto-
ridades do ~~Estado~~ ^{Fundação Cuidar o Futuro} contribuiu f.ª
melhorar a situação ~~social~~
social, económica e empresarial
do povo americano, já q a excessiva
valorização do dólar provocou, só
entre 80 e 83, um aumento de
3 milhões de desempregados

III - Uma Europa forte face aos 19
EUA

É neste quadro que o empenho de P. na construção de uma Europa forte deve ser um imperativo para o povo português.

Em primeiro lugar, uma Europa que forma o grau de auto-confiança, de cooperação entre Estados e de sentido do risco capaz de ~~a tornar~~ ~~torna~~ ~~lhe~~ dar de novo um papel no mundo e, em especial, no seu diálogo, e ~~é~~ ~~dos~~ ~~2~~ ~~super-potências~~. Nenhum povo deseja ser hegemónico e o sentido democrático do povo americano leva-o a ~~sentir~~ ~~que~~ ~~nas~~ ~~seu~~ ~~cabre~~ "fiscalizar" ~~a~~ ~~objetivos~~ de "fiscalizar" ~~do~~ ~~mundo~~ ~~e~~ ~~de~~ ~~usar~~ ~~do~~ ~~autoridade~~. Tem desejado libertar-se do papel de "protector" de um continente que tem condições para bastar a si próprio.



Em segundo lugar, uma 20
Europa capaz de ultrapassar, no
seu ff peio, a diferença entre cida-
dão de 1: e cidadãos de 2:, em
virtude da sua \geq capacidade afuesi-
tiva. Uma Europa \bar{q} em termos econó-
micos, equacione o problema de vedor-
-credor como um só e único problema.
Uma Europa capaz de potenciar os
seus recursos humanos e de encon-
trar na sua imensa capacidade
intelectual, o dinamismo fi: a reno-
vado do seus processos, da sua
indústria, dos seus produtos.

Em último lugar, uma Europa
 \bar{q} não contasse única e a defesa
dos EUA ^{perilhosa} ~~seu~~ com dúvida uma
~~de alívio na hora que~~ \bar{q} os EUA
~~encarar de outro modo os~~
~~podessero actuar nos~~ ~~problemas~~
contemporâneos de conflitos: no
Golfo, nas Caraíbas, no Índico,
África, como pretendem
alguns americanos e no Pacífico,
como a leitura das notícias.



Contribuir p.º
Uma Europa forte pode ser p.º 21
P.º um elemento dinamizador, já
q.º a sua adesão a um dos mecanismos
institucionais de Europa, a CEE,
trará consigo um período de transição
de pesados custos p.º Portugal.

Para tal, P.º tem de realizar
c.º a > urgência, algumas tarefas
interinas, entre as quais avultam
a necessidade de estabelecer de
regras claras p.º os agentes econó-
micos. O Plano de des.º econ.
e social, elaborado de forma
participada e não tecnocrática
ou ideológica/dividido é um
imperativo do relanço da eco-
nomia em Portugal.

Não precisamos p.º tal de
mudar a Const. e de deixar de
novo o país parado neg.º os
ns de leis encontram soluções
p.º uma ~~ex~~ revisão interminável.



Conclusão:

22

Saudary de Álvaro de Campos
a Walt Whitman

"De mãos dadas, Walt, de
mãos dadas,
~~dancando o universo~~
~~na alma~~"

Fundação Cuidar o Futuro

